

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 200 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros... 200 " Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 1200 " Numero avulso... 200 "	N.º 52	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

## GARRETT

Passou ha poucos dias o anniversario da morte de um homem que o mundo official conheceu nos derradeiros annos com o titulo de visconde de Almeida Garrett, que muitos tratavam por estes dois ultimos nomes, e que hoje a posteridade, que para elle começou já, pôde gloriosamente chamar apenas Garrett, como diz Camões, Dante, Goëthe, n'um termo só incisivo e curto...

Aqui, em Lisboa, na cidade que o viu morrer, na séde de uma academia que se considera o sacramento da litteratura patria, e onde existem varias sociedades de caracter scientifico ou litterario, nem uma, que me conste, commemorou com qualquer simples sessão solemne essa data que não pôde confundir-se no anonymato de muitas outras, nem uma acordou no espirito publico a saudosa evocação do que ella devia representar para todos quantos fallam a linguagem portugueza!

Por sua vez tambem o referido espirito publico parece desconhecer ou ter completamente esquecido que houve em Lisboa um homem que, sincero e primoroso modelador da Palavra, soube arrancar-lhe em luctas geniaes algumas perolas inestimaveis que se chamaram cá fóra *Frei Luiz de Sousa, Viagens na minha terra, Camões, Folhas caidas, Catão, Arco de Sant'Anna*, etc., etc.

No Porto parece que ainda a voz prestigiosa de Pinheiro Chagas pôde congregar alguns fieis, e logrou fazer-lhes esquecer um momento os pequenos interesses caseiros, que porventura os vinculam á terra egoista, elevando-lhes o pensamento até essas paragens ideaes e immaculadas que são a atmosfera fecundante do espirito e a inspiração sublime da consciencia e do coração.

Aqui, na capital politica e litteraria de Portugal, esse dia passou, como passam outros, na indifferente rotação do tempo.

Triste, triste.

Dir-se-ia que um vento mau soprou de novo sobre a alma d'este desolado paiz para que o seu coração e o seu cerebro já não saibam pensar nem sentir!

Dir-se-ia que á força de afundarmos todos na vasa mais ou menos escuranteda de miseraveis pai-

xões e de mesquinhos interesses, que na hora presente assoberbam o mundo, já esquecemos até a memoria d'aquelles que na realidade historica de um povo ou de uma epocha representam uma pontinha ao menos de ideal, d'esse ideal tão ridicularizado e tão detrahido, mas sem o qual nada ha de grande e de eterno!

Dir-se-ia que estamos todos já tão superiormente cultos, tão moralmente altos, tão intellectualmente justos, que, dispensando os ágapes festivos em que poderiamos unidos commungar a hostia abençoada do eterno amor pelos *eternos vivos*, sabe cada um de nós, no tempo imperscrutavel da sua consciencia, prestar em espirito a homenagem que cada um d'esses *mortos-vivos* de nós reclama!

E no emtanto — dolorosa contradicção da realidade — nem um mausoleu, nem uma estatua, nem uma bibliotheca, nem uma escola, nem uma instituição qualquer, emfim, por modesta que seja, attesta aos olhos de quem queira ver, a existencia d'esse culto, e, no caso sujeito, a veneração por essa memoria!

E no emtanto, vendem-se por ahí ás centenas, se não aos milhares, obras de um portuguez duvidoso e de uma litteratura avariada, e não se vê que andem nas mãos de todos alguns dos immortaes livros que a penna privilegiada d'esse grande espirito, para todo o sempre vinculou aos destinos da patria portugueza, consubstanciada no que ella tem de irreductivel e de inatacavel — a sua lingua!

E no emtanto uma subscrição que os jornaes resolveram iniciar para se erigir uma estatua ao homem que levantou do chão a lyra de Camões, tres seculos deposta á espera de alguém que podesse erguel-a, desapareceu envergonhada das columnas de todos elles, porque não passava, a misera, de uns cinquenta mil e tanto!

Verdade, verdade, quando se lança um simples olhar para tudo isto, quando se attenta bem no que significa um povo, que assim procura ou deixa desidealisar pouco a pouco tudo quanto de mais fundamentalmente bello pôde existir na alma commum, pensa-se com amargura se acaso no relógio da eternidade terá soado a hora em que uma tremenda e incalculavel convulsão venha esphacelar e derruir para sempre a consciencia social d'esse povo, e se porventura elle terá de desaparecer da geographia

moral, embora não desapareça desde logo da geographia politica...

Não creio, não desejo crer que seja esse o destino d'este *pequeno grande* paiz, e mais de uma vez procuro convencer-me, e me convenço, do contrario; mas são tão amiudadas as provas que estamos dando do nosso egoismo ou pelo menos da nossa apathica indifferença por muitos principios que constituem o eixo mesmo do nosso modo de ser intellectual e moral, deixámos de tal maneira adormecermos muitos dos centros da nossa vida de coraçaõ e de espirito, que eu pergunto ás vezes se este colapso por que evidentemente estamos passando não se terá prolongado um pouco mais do que seria para desajaz, e se não é tempo já de nos erguermos despertos.

Uma das melhores, das mais eloquentes e das mais fecundantes provas que poderemos dar de que acordámos ou desejámos acordar é rehabilitar n'uma choral unisona os nomes d'aquelles que, como Garrett, representam a *parte melhor de nós mesmos*—a nossa alma e o nosso cerebro; e se queremos provar que pensamos e que sentimos, precisamos começar honrando a memoria d'aquelles que primeiro do que nós ou em mais larga escala, e synthetizando e reunindo por assim dizer as nossas aspirações e as nossas tendencias, pensaram e sentiram, crystallizando este sentimento na palavra, e eternizando-o pela Arte.

Garrett, que no largo sulco de trezentos annos avulta como uma pyramide de luz, que vaec incidir com a que de si irradia esse divino espirito que se chamou Camões, tornando assim viavel a invia e escura estrada litteraria que vem do seculo XVI até ao presente, estrada em que o bruxulear de um ou outro grande espirito não conseguiu espancar e desfazer o cerraceiro, que era intensissimo—Garrett, supponho que merece bem um registro especial n'essa ladainha gloriosa de nomes, que deve ser o livro de ouro de todos os povos; e se não quiserem ou não poderem erigir-lhe a estatua, ao menos leiam-no e mostrem que o amam, comprehendendo-o e fazendo o que elle fazia—crendo,—crendo na sua divina arte,—porque, segundo as suas proprias palavras, «é preciso crer n'alguma cousa para ser grande».

Se emfim fizerem isto, então, embora a figura physica do poeta não pompeie n'alguma das nossas praças, fixada no marmore ou no bronze, a sua figura intellectual, tão inconfundivel e tão portugueza, terá o melhor monumento a que poderia aspirar, porque viverá eternamente no nosso espirito como este viverá d'ella.

Façam isto, ao menos, aquelles que entendem que a Vida, integralmente comprehendida, é a realisação de uma certa porção de ideal, e com respeito a Garrett, creiam que terão feito o bastante para que o espirito d'esse fidalgo e soberbo artista, lá das alturas interstellares em que talvez nos contemple, nos sorria carinhoso e commovido...

AFONSO VARGAS.

### MAURICIO DE GUERIN

N'este fim de seculo tão torturado de duvidas, tão combatido de incertezas, tão contradictorio e tão mysterioso, emfim, todos os livros de psychologia

pessoal e de observação interior estão destinados a interessar a sympathia dos corações compassivos e delicados, chamando ao mesmo tempo a attenção dos philosophos, como documentos que são dos varios estados de espiritos que em si reflectiram alguma das complexissimas e numerosas modulações do pensamento humano.

Isto explica o exito dos modernos romances de Bourget em Franca, dos *Pictorial Essays* em Inglaterra, dos livros de Henri James, por exemplo, e de obras vasadas nos mesmos moldes, publicadas n'um ou n'outro centro intellectual contemporaneo, na nossa vizinha Hespanha até.

Tal, entre outros, o *Diario* de Amiel, do qual aliás um critico recente diz o maior mal possivel, chamando-lhe a obra de um *poseur* impotente ou orgulhoso, que quiz fazer passar como uma abullia, uma doença da vontade, o que não era senão hypertrophia de amor proprio e desmesurada presumpção de espirito, se é que não foi uma vergonhosa affirmação de egoismo levado ao auge...

E, no entanto, fallando de Amiel, apesar da lingua a momentos impossivel e obscura de que o escriptor suizo se serviu, lingua feita tantas vezes de germanismos afrancezados, ferindo a maravilhosa e transparente clareza do formosissimo idioma de Rabelais e de Voltaire, de Hugo e de Musset, de Michelet e de Taine, apesar d'isso tudo, Amiel, por exemplo, conseguiu que d'elle se occupassem sabios, como Renan, e escriptores, como o auctor dos *Ensaio de psychologia*, o que prova haver certamente no fundo das suas confissões de desalentado, e dos seus threnos de melancolico alguma cousa de tão sinceramente sentido e de tão intensamente humano, que se impõe mesmo através do seu estylo confuso e emmaranhado.

Ora, é para um escriptor pertencente a esta familia de espiritos que eu venho hoje solicitar por momentos a attenção dos leitores.

Devido ao favor de uma senhora, pude ler o *Diario* d'este infeliz escriptor, os seus poemas e a sua correspondencia, e para tudo isso chamo a attenção das organizações vibrateis e delicadas, que desejam por momentos elevar-se a algum mundo mais confortante e mais bello do que este em que nos revoltemos e vegetámos.

Já em maio de 1840 esse poderoso escriptor que se chamou George Sand se occupava com interesse do moço poeta, que um anno antes, a 19 de julho de 1839, expirava, tendo apenas vinte e nove annos, e depois outros vieram trazer-lhe ao tumulo a piedosa oblatã da sua admiração e da sua sympathia.

Destacõ entre muitos o nome de Saint-Beuve, que n'um tocante e desenvolvissimo estudo sobre a natureza artistica e pessoal de Mauricio de Guerin diz d'elle o que a justiça ha muito estava exigindo que se dissesse.

E que ha effectivamente no auctor d'esse estranho e mysterioso poema que se chama *O Centauro*, um tão forte cunho individual, um tão intenso poder de observação, qualidades tão maravilhosas de pai-zagista e de pintor, que impõ-o ao respeito do publico era um dever a que não saberia eximir-se todo o espirito critico, que tomasse conhecimento da obra d'este adoravel talento, que possuia n'um grau tão

elevado todos os elementos que podem convergir para formar um escriptor e um poeta.

Investigador tenaz da originalidade, constantemente atormentado pela febre *do novo*, ansioso sempre por achar formulas não usadas de linguagem e descobrir tons imprevisos no estylo; inteiramente, profundamente absorvido pela paixão da sua arte, Mauricio de Guerin merece bem o invejavel logar que occupa na pequena e escolhida galeria dos verdadeiros espiritos-forças, dos legitimos aristocratas da palavra escripta, e d'elle se pôde dizer, melhor do que de um seu compatriota disse mais tarde um escriptor illustre: «basta-lhe para viver para sempre, o ter vivido alguns annos mais»,—d'elle se pôde dizer que apenas precisou viver alguns dias para nunca mais ser esquecido.

A prova d'isto está na impressão, não ha muitos annos, de tudo o que elle escreveu, e da qual pertence á 15.<sup>a</sup> edição o volume que tenho aberto ante mim.

Mysterioso e inconfundível poder da arte, que tem o supremo condão de tornar immorredouro e divino tudo o que ella inspira!

E são realmente inspiradas pela mais pura e pela mais bella arte muitas das paginas em prosa e verso que Guerin escreveu, muitas até das suas simples e despreziosas impressões pessoaes, fulgurando como perolas entre a sua curiosa e avultada correspondencia.

Não uma, mas varias vezes, Guerin conseguiu fixar pela palavra a nota fugidia e aerea da imprecível belleza, e *notar* gradações, cambiantes, linhas, que um instante passam ao fundo da trama da vida, da vida cuja urdidura ignorada tantos têm querido destrinçar em vão...

Organisação *feminina*, no sentido crystallino da palavra, e com um poder de penetração e de acuidade que frisavam pelo doentio, o moço poeta *via*, positivamente *via*, a côr dos sentimentos, e a intensidade das idéas, descobria a alma das cousas e o *quid* mysterioso e divino que fecunda e dirige o mundo, e como que tinha a vaga intuição transcendente de como é feita e ligada entre si a cadeia interminavel dos seres...

D'ahi uma especie de pantheismo christão e pagânico, uma como que philosophia somatico-espiritualista que irisa com uma luz estranha, e perfuma com um aroma indelevel todos os seus versos, todas as suas cartas, os seus fragmentos, as suas mais simples impressões de escriptor...

Ao mesmo tempo, e sobredourando tudo, um forte sopro de virilidade, um cunho, ás vezes epico, de energia e de entusiasmo, como ha, por exemplo, no seu *Centauro* e na sua *Bacchante*, phenomeno tanto mais estranho este, quanto Guerin vinha a morrer, ferido precisamente nos centros essenciaes da vida...

\*\*\*

Deixem, porém, que complete esta nobre physiognomia de poeta com algumas linhas que aqui e ali fui arrancar á sua obra.

Foi em 1833 que Guerin começou a escrever, a principio para um circulo restricto de amigos, mais

tarde para o *grande publico*. Nascido a 5 de agosto de 1810, pertencia elle, como diz Saint-Beuve, a essa segunda geração do seculo, a qual não tinha já *dois annos*, mas uns dez ou onze, e de cuja camada saíram Musset, Montalembert e outros mais ou menos illustres.

Filho de uma familia nobre mas empobrecida, Mauricio, inclinado de muito creança para a vida religiosa, estava destinado a fazer-se padre. Apesar, porém, de ter um temperamento mystico, se é permitido exprimir-me assim, intellectualmente fallando, o moço poeta era demasiado impressionavel á contemplação das bellezas da terra, sobretudo a essa formosa e esmaltina synthese d'ellas todas, que se chama a mulher, para que o sacerdocio podesse acorrental-o ás suas ferreas exigencias. Parece até que de muito cedo começou a arder nas chammas de um outro fogo que não o devoto; mas infelizmente quem quer que elle amou não o tratou muito bem, do que podem talvez ser testemunha uns versos datados de 1832, escriptos no seu paiz, o meio-dia da França, em Roche d'Onelle, onde o poeta veio chorar a illusão cruel do seu primeiro amor, e em que elle exclama torturado:

Ici mon cœur souffrant en pleurs vient s'épancher...  
Mes pleurs vont s'amasser dans le creux du rocher...

Si vous passez ici, colombes passagères,  
Gardez-vous de ces eaux: les larmes sont amères.

Para se guarecer d'esta psychose infeliz partiu para La Chenaye, o celebre logar em que Lamennais edificára a sua especie de thebaida e de convento, e ahi, na quietação infinita da natureza, no convívio constante de todas as forças mysteriosas e occultas que são como os beijos da vida depositos sobre a essencia das cousas, mergulhado n'um banho de luz e de frescura, e desenrolando-se-lhe ao olhar a paizagem docemente poetica da Bretanha, este oasis da lenda, ahi Guerin foi momentaneamente feliz, porque viveu momentaneamente tranquillo, e a felicidade é isto—a tranquillidade, a eucharistia do espirito...

Por desgraça, as almas como a d'elle não podem ser, nem serão nunca, almas felizes, na accepção completa d'esta palavra, e quando não têm agonias reaes a maceral-as, inventam-nas ellas, não pelo requintado prazer de soffrerem, mas em virtude das forças insitas da sua propria constituição, que lhes desdobra e decompõe todas as alegrias, por mais despreziosas e simples que ellas sejam...

Felizmente para nós—e tambem para elle, no fim de contas—Mauricio, na sua qualidade de poeta, derivava para a poesia a torrente das suas maguas, e quer nos desse algumas paginas do seu diario, quer enviasse a algum dos seus amigos uma verdadeira *pièce de vers*, era sempre n'essa ideal linguagem feita de gorgeios de aves, de aromas de flores, de essenciaes de astros, e de scintillações de céus que elle escrevia, tendo produzido assim perfeitas e inexcusáveis obras primas de descripção e de sentimento, e fixado, ás vezes em meia duzia de linhas, um *interior* de alma ou um trecho de paizagem colhidos na realidade flagrante da vida...

Para provar, porém, o que digo, consintam-me algumas transcrições.

Eis aqui o final de uma das suas notas, escripta n'um dia de neve, quando no campo todo coberto por uma vasta toalha branca, «os troncos das arvores se elevam como columnas de ebano sobre um terraço de marfim...»

«Visitei as nossas *primaveras*; cada uma supportava o seu fardozito de neve, vergando toda ao seu peso. Estas flores tão bellas, tão ricamente coloridas, produziam um effeito encantador envoltas nos seus mantos brancos; vi massiços inteiros, cobertos por um unico bloco de neve, e todas ellas como que sorrindo, e inclinando-se umas para as outras, parecendo um grupo de raparigas surprehendidas por uma onda, e abrindo-se d'ella debaixo de um avental branco...»

E como estas, milhares de phrases em que Guérin, transformando a penna em pincel, traceja em côres de uma delicadeza, de uma subtilidade incoercíveis, pedaços frescos de natureza, recantos palpitantes do coração...

Descreve-nos, por exemplo, um passeio na floresta do Coëtquen, e depois de nos dar a sensação exacta da paizagem, falla-nos de um véu de nuvens, passando atravez das arvores, e deslizando rapidamente em massas negras e caprichosas, parecendo roçar levemente o cimo das ramarias...

E termina: «Esse grande véu sombrio e fluctuante deixava aqui e além uma ou outra clareira por onde se infiltrava um raio de sol, que descia como um relampago para o seio da floresta. Estas passagens subitas de luz, davam a essas profundezas tão magostas na sombra alguma cousa de extranho e de phantastico; o effeito de uma risada nos labios de um cadaver...»

Logo uns dias depois, 28 de março, escreve, invadido por um grande amor pantheista:

«Sempre que nos deixámos penetrar pela natureza, abre-se-nos a alma ás mais tocantes emoções.

«Quer ella ria e se enfeite nos bellos dias, quer esteja pallida, cinzenta, fria, chuvosa no outono e no inverno, ha no seu seio alguma coisa que commove não só a superficie do nosso ser, mas até os seus mais intimos segredos, e desperta mil recordações que na apparencia nenhuma ligação têm com o espectáculo exterior, mas que, sem duvida, fomentam uma correspondencia da nossa alma com a sua por meio de sympathias que nos são desconhecidas. Hoje senti eu vivamente esse poder espantoso, respirando, deitado sobre um faial, o ar quente da primavera...»

E a seguir, a descripção de um passeio que elle deu na companhia de dois amigos.

«...Ao norte eleva-se a costa do Oceano traçando um extensa linha recta e azul; mais ao nordeste, graças á interrupção dos montes, entrevimos a bahia de Cancale. As aguas, feridas pelo sol, resplandem vivamente, desenhando uma cinta luminosa que as fazia distinguirem-se da costa azulinea da Normandia. A oeste via-se Dinan, lá em baixo, com as suas flechas tão altas, meio veladas por esses vapores que fluctuam sobre as cidades, na distancia das pla-

nicias. Na mesma direcção casitas de campo muito brancas destacando d'um fundo sombrio, invariavelmente rodeadas de massiços de pinheiros que se erguam como um gigante negro para fazerem a sentinella do lar... A volta do horizonte refluim campanarios agudos, elevando-se de distancia a distancia, lembrando torres de uma immensa muralha...»

Entao depois hossanas a essa inextogavel circulação de vida que se opera no seio da natureza, que surge de uma fonte invisivel e entumescce as veias do universo. E conclue, dizendo que em virtude da sua força de ascensão, a vida vae subindo de reino em reino, depurando-se, ennobrecendo-se sempre, até fazer pulsar o coração do homem.

Leiam ainda isto:

«O amor que falla, canta, geme, n'uma parte da criação, revela-se na outra metade sob a forma de flores. Toda essa floração tão rica de formas, cores, perfumes que espelne nos campos, é a expressão do amor, o proprio amor que celebra os seus doces mysterios no seio de cada flor...»

AFONSO VARGAS.

(Continúa)

## A TYPOGRAPHIA NO ANTIGO EGYPTO

O professor Karabecek, em uma conferencia que deu o anno passado no museu de Vienna d'Austria, demonstrou que quinhentos annos antes de Gutenberg se empregavam no Egypto typos moveis de madeira, assim para a escripta como para ornamentação.

Tambem o mesmo professor asseverou que a fabricação do papel de trapo não foi inventada pelos allemães, nem pelos italianos, pois que os arabes, no quarto anno da nossa era, começaram a fabricar papel com trapo de linho por modo analogo ao que se emprega modernamente.

Foi incidentemente, no decurso da conferencia, que tinha por fim dar ao publico alguns pormenores sobre os papyros egypcios encontrados perto da cidade de Arsinoë, no Egypto central, que o professor viennense formulou aquellas asserções pelo menos singulares.

Os papyros de Arsinoë formam uma collecção preciosa contendo cerca de 100:000 manuscritos e 20:000 estampas ou cartas. Abrangem do xiv seculo antes de Jesus Christo ao xiv seculo da nossa era, isto é, abarcam um periodo de 2:700 annos. São escriptos em onze linguas e tratam de assumptos diversos.

Foi estudando estes documentos por meio do microscopio que o professor de Vienna chegou a verificar a existencia já antiga da typographia.

Como é fatal ás vezes ser amado na terra! Oh! Amor porque coroaes os teus bosques com ramos de cyprestes, e fizeste de um suspiro o teu melhor interprete?

BYRON.

Uma luz mesmo pequena projecta longe os seus raios! Assim brilha uma boa acção n'este mundo mau.

SHAKESPEARE

A ambição é a immodestia do espirito.

DOVENANT.

## ASYLO DE D. PEDRO V EM LOANDA

O asylo de D. Pedro V, recolhimento onde são recebidas e têm encontrado carinhoso agasalho e cuidadosa educação muitas orphãs desvalidas de europeus e africanos, honrando no mais alto ponto a levantada iniciativa dos seus fundadores, e dos que, com os seus esforços e subsídios, o ajudaram a manter-se por muito tempo sem intervenção official, é, por sem dúvida, um dos estabelecimentos mais interessantes e mais dignos de protecção que existem na cidade de Loanda, a formosa capital da nossa vasta provincia de Angola, na Africa occidental.

Posteriormente, o governo da provincia assumiu a direcção do asylo, dando ao ensino ahi ministrado direcção um pouco destoante da que fôra o objectivo dos fundadores.

Cavalheiro, que considerámos autorisado a emitir opinião segura sobre o assumpto, tanto pelos seus conhecimentos como pela sua larga experiencia das cousas colonias, affirmamos, que o asylo não ganhou, antes perdeu, e não pouco, com a mudança, o que é para lamentar.

Em tempo, sua eminencia, o sr. cardeal patriarcha D. José, quando bispo da diocese de Angola e Congo, pensou em intervir, para se entregar a direcção educativa das asyladas ás nossas irmãs de caridade. Entendem muitos, que seria conveniente tambem, que a administração do estabelecimento, em todo a caso, ficasse sob a vigilancia do benemerito bispo actual.

Entre os muitos e valiosos protectores, que tem contado o asylo de D. Pedro V sobressaê notavelmente, como director e como medico, o dr. José Baptista de Oliveira, que falleceu já em junho do corrente anno, e ainda hoje é chorado em toda a cidade de Loanda, por europeus e africanos, tanto na mais alta, como na menos favorecida classe da sociedade.

Baptista de Oliveira não só tratava caridosamente das creanças, como de sua casa lhes enviava remedios, dietas e roupas; e não havia festa no seu modesto lar de que não partilhassem todas as asyladas.

Este honrado e generoso medico de Loanda finou-se, como dissemos, deixando apenas um nome venerando a seus quatro filhos menores, que lutam com a falta de recursos para obterem a devida educação: tantas foram as meninas, hoje senho-



GRUPO DE CREAMÇAS ASYLADAS

ras, que áquelle philanthropo deveram não só a que adquiriram, como o bem estar de que gosam!

Nunca as colonias se negaram a contribuir com o seu obulo, sempre que a mãe patria a ellas recorreu para acudir a qualquer especie de infortunio: não seria muito, pois, que a metropole auxiliasse, por qualquer meio, que parecesse mais eficaz o estabelecimento, a que nos referimos, e que bem carece que olhem por elle e o protejam para que possa desempenhar cabalmente a sua nobilissima missão.

A nossa gravura, representando um gracioso grupo de creanças do asylo de D. Pedro V, é copiada do magnifico *Album photographico* da expedição portugueza ao Muatãnvua, da qual foi primeiro commandante o nosso bom amigo, o sr. Henrique de Carvalho, que pertence, como todos sabem, á brilhante phalange dos nossos modernos, benemeritos e audazes exploradores da Africa.

O coração de um ambicioso posto a nu seria uma escola onde o homem aprenderia a desprezar as ancias da celeridade e do poder.

BYRON.

## CREANÇAS

As almas infantis são brandas como a neve,  
São perolas de leite em urnas virginaes;  
Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve  
Crystallisa em seguida e não se esquece mais.

GUERRA JUNQUEIRO.

## A OPERA E A RENASCENÇA

Foi uma dupla resurreição festiva, a Renascença. A civilização classica,—onde o homem fôra homem n'uma gloriosa plenitude incomparavel,—tinha quasi integralmente desaparecido sob o mystico e tenebroso mundo medievico.

Depois de mil annos de abdicção da propria natureza, de combate contra os instinctos mais generosos, de tortura das faculdades mais elevadas, de

tristeza e de servidão,—a humanidade entra afinal n'uma nova era, determinada por tres. brillantissimas conquistas:—a da polvora, a da bussola e a da imprensa. Revive emfim pela revivescencia do mundo antigo:—pela revelação d'uma poesia onde perpassam e se agitam todos os phenomenos d'uma ampla e completa vida moral,—a austeridade, o desinteresse, a dedicação, o amor, a coragem;—pelo resurgir d'uma escultura onde se evidencia o culto da forma e da linha, do vigor e da graça; onde se revela e define uma sociedade em que o homem era tudo, sendo até as proprias divindades feitas á sua imagem.

Depois do largo compasso de espera marcado pelo mysticismo e pelo predomínio das armas, o commercio converte-se na transformação predominante da actividade; a Arte vence a theologia na applicação das intelligencias; a humanidade reconquista essa enorme força,—a alegria.

Tudo se torna então delicado e faustoso, minudente e phantasia, desde a architectura até aos vestidos e ao mobiliario, quebrando-se,—é verdade,—mas n'uma adoravel multiplicidade inconsequente, a Arte que n'outros tempos constituiria uma unidade tão logica, tão systematica, tão perfeita.

E, consinta-se-me recordal-o como portuguez, que, se porventura combate a admiração esteril pelo passado, não quer, igualmente, ver obliterada a nossa tradição nacional, a que todo o progresso, para merecer o nome, se deve prender,—se a Renascença foi uma enorme festa, como lhe chamou um dos nossos mais brillantes escriptores, Portugal tem nos *Lusiadas* a mais limpida e preciosa crystallisation d'esse largo jubileu; e por isso o poema de Camões, se por um lado constitue o *livro sagrado* dos portuguezes, feito da essencia da nossa nacionalidade,—tem, por outro lado, uma significação mais alta do que a de simples epopéa caseira d'um pequeno povo: é a synthese d'uma epocha, a realisação artistica d'um vasto e complexo phenomeno social.

\*\*\*

Entre as formas d'Arte derivadas da Renascença, está a opera.

Embora de balde se procure na musica hellenica a perfeição correspondente á delicadeza de perfil da columna jonica, ao vigoroso toque magistral dos tragicos, á palavra dominante e prestigiosa dos oradores, á verdade tocante das estatuas,—a Grecia teve, contudo, o apreço da arte musical, e deu-lhe no theatro um altissimo logar.

No esmaecer da Edade-média florira, ao lado da severidade da fuga e do canon, um genero livre, em contraponto simples, iniciado pelo chefe da escola veneziana, o celebre Willaert. Fallámos do madrigal. Foi n'esse genero que Nicolau de Corregio, Zarlino, Claudio Merulo, Vicente Galileu e Emilio de Cavalieri, impressionados pelo theatro grego, escreveram umas composições scenicas, constituídas de bailados e côros, e ás vezes matizadas de *recitativos*.

Esses ensaios, tão visivelmente derivados do theatro hellenico, devem ser tidos como as primeiras *operas*; e é muito de notar que, se porventura a

concepção de Ricardo Wagner se convertesse em realidade, e a opera do auctor do *Tannhäuser* viesse de facto a ser a *opera do futuro*,—o genero dramatico regressaria ao ponto de partida; porque o celebre compositor allemão queria, com effeito, que a musica fosse para a acção dramatica o que era o côro no theatro grego, que, sendo o mais perfeito sob o ponto de vista de instituição, se deveria tornar definitivo.

Ao reaparecimento da arte classica, todos os dias evocada na Renascença por uma nova descoberta,—hoje d'uma estatua, amanhã d'um manuscrito, depois d'um vaso esculpido,—se devem, portanto, os primeiros ensaios de opera. JOSÉ PESSANHA.

## ALMA

Quereis ver o que é uma alma? Olhai para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma, porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquellos discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquellos pensamentos tão sublimes, aquellos escriptos humanos e divinos, quem admirámos, e excedem a admiração, tudo isto era a alma. Se o corpo é de um artifice, quem fazia viver as tabuas e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova forma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou n'aquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e metter todo o mundo venal em uma praça? A alma. Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e machinas bellicas, o valor, a bizarreria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte alheia; quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo é de um príncipe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas, com que o mundo se governa, de quem eram governadas, e de quem eram? Da alma. Se o corpo é de um santo, a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das cousas divinas, os extasis, os raptos, sabido o mesmo peso do corpo, e suspenso no ar, que maravilha! Mas isto é alma. Finalmente, os mesmos vícios nossos nos dizem o que ella é. Uma cobicia que nunca se farta, uma soberba que sempre sobe, uma ambição que sempre aspira, um desejo que nunca aquieta, uma capacidade que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre, uma altiveza como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus. Tudo isto que vemos com nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso, a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebatada e captiva os sentidos humanos; aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquelle vida: que é tudo senão al-

ma? E senão, vêde o corpo sem ella. Aquillo que amáveis e admiráveis não era corpo, era alma: apartou-se o que se não via, e ficou o que se não pôde ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de magestade, de virtude; porque tudo ainda que a alma se não via, era a alma.

PARRE ANTONIO VIEIRA.

### ASSUMPTOS VARIOS

Por mais e melhor que se tenha fallado ou escripto, relativamente ao prodigioso principio associativo, nunca enfadará repetir a leitura de tão momentoso assumpto, principalmente quando tratado com tanto sentimento, tanta eloquencia, como o fez um notavel escriptor brasileiro, orando em uma sessão solemne:

«Conhecer a associação é estimal-a. Sua doutrina tem attractivos irresistíveis—o ramo de seus associações tem o condão de perfumes eternos.

«E um recordar continuo de affectos puros, de consolações vivas, de vocações generosas.

«Até a planta sagrada que cresce em seus paraizos é uma filha das mimosas, isto é, o symbolo da ternura e do amor.

«Pois é em nome d'este sentimento soberano, centro de todas as virtudes, fonte de todas as grandezas, poesia de todas as inspirações, grinalda immaculada das familias, riso da infancia, expansão da adolescencia, diadema da velhice; sim, é em nome d'esta alma suprema de todas as afinidades, que eu comprimento a associação em cujo seio nos achámos congregados.»

*Conselhos aos rapazes e ás raparigas de todas as classes da sociedade*, eis o titulo de um livro, cujo auctor é William Cobbett, a quem a Inglaterra, por occasião do fimamento de tão celebre pamphletario, rende hymnos de uma saudade nacional. A preclarissima escriptora, sr.<sup>a</sup> Vaz de Carvalho, pede no grave e apreciavel jornal *O Commercio do Porto*, sob o titulo *Atravez dos livros e das idéas*, que se leia com attenção esta preciosidade litteraria ou na lingua original ou na traducção que d'elle fez em francez, Vernes-Prescott; e como que para justificar o seu pedido cita, ao acaso, estes fragmentos:

«A verdadeira causa de quasi todas as nossas desgraças provém da funesta onda que nos impelle a crear mil necessidades imaginarias; d'essa ambição que leva os moços a quererem sair da condição em que nasceram, e que os faz olhar com desdem para essa condição, na qual poderiam viver *livres e felizes*, emquanto que na outra a que aspiram não passam de *escravos ricos*.

«A maior infelicidade da geração actual é esta—em todas as classes da sociedade não ha ninguém que se não julgue muito superior á posição que occupa. Muitos teimam em não reconhecer esta verdade, mas toda a gente soffre em resultado d'este erro.

«Desde alguns annos tem-se agravado a raiva universal de *querer subir*. Todo o homem que não é operario ou artifice, se julga affrontado se não re-

cebe um tratamento honorifico. O negociante, o industrial, o mercador, que enriquece, julga-se logo fidalgo, e a mulher toma grandes ares de senhora. O filho de um *parvenu* não quer rebaixar-se até á posição que o pae primitivamente occupou, e o mundo em breve é pequeno, é restricto de mais para tantas *senhoras* e tantos *senhores*, que o vão enchendo com a sua filiaucia inutil.

«Cantar, tocar, pintar, desenhar, fallar varias linguas—ahi estão prendas e talentos muito agradaveis, não ha duvida. Mas para que é que *todas* as raparigas querem ser pintoras, musicas, ou polyglottas? Quem é que ha de dirigir o *ménage* do agricultor ou do logista? Ha, de resto, alguma cousa ainda de mais pernicioso que esta ancia de adquirir apenas ornatos decorativos de uma educação—é a idéa que a rapariga, assim educada, logo tem de que é *muito superior* ao lavrador, ao mercador modesto que a poderia pedir em casamento.»

...O homem não deixa apenas bens materiaes, apreciaveis pelo seu valor intrinseco e pela utilidade que podem prestar aos usos da vida: o filho que succede a seu pae, herda mais alguma cousa do que a sua habitação, as suas propriedades, os seus effeitos de commercio, ou o seu dinheiro; é o herdeiro de seu sangue, e sobretudo o continuador da sua pessoa, o successor universal de todos os direitos que n'elle residiam.

...Filhos pobres ha que se dão por felizes quando seu pae lhes deixa uma reputação intacta, uma gloria de artista, de sabio, de guerreiro, de magistrado integro. E que são verdadeiros bens, riquezas incontestaveis, que muitas vezes servem de recommendação ao filho, de dote á filha, e sempre de illustração a toda a familia. (*Cod. Pen. Port.—Rel. da Com.*)

No *Prologo do Gladiador*, diz o vernaculissimo escriptor, sr. Latino Coelho:

«Dilate-se, como na Allemanha, a civilisação com o livro, que é a artilheria do pensamento; com o jornal, que é a infantaria ligeira da conquista intellectual; e com a bayoneta e o canhão, que são o jornal e o livro da discussão material e bellicosa.»

*Systema ingler*—Fazer os livros, lêl-os, discutil-os; tratando-se de governar, a primeira cousa que faz é fechar os livros da sciencia, e abrir o grande livro dos factos. Quer dizer, põe de parte a theoria—e só attende á pratica.

O grande romancista, sr. Camillo Castello Branco, nas suas *Horas de Paz* define a honra do modo seguinte:

«A honra que conquistámos á sombra da opinião publica, não é sempre a honra fundada na virtude. Praticámos actos que a consciencia nos santifica, e a sociedade nos escarnece. Soffremos uma injuria com a resignação da virtude, e a opinião publica chama-lhe cobardia.

«A consciencia, muitas vezes, manda-nos receber uma affronta como justa expiação de nossos delictos,

e a sociedade, que presenciou a nossa humildade, murmurou uma censura contra a nossa deshonra. E, todavia, nós caláramos a voz da vingança, porque a honra da consciencia, a honra da virtude, nos impozera o silencio que a sociedade reprova. Eis-aqui a grande corrupção que soffre essa palavra quando sae do sacrario da consciencia para ser interpretada e julgada em praça.»

O saber ler — na douta expressão do proeminente versador<sup>1</sup>, sr. Castilho — não é prenda, nem luxo, mas necessidade, e condição primaria e impreterivel da civilisação. Contribuamos, pois, por todos os modos directos e indirectos para se diffundir esta alvorada das sciencias, das artes, da liberdade, da justiça, da virtude, da religião, da sociabilidade, n'uma palavra, da ventura humana em toda a sua extensão.

O mavioso cantor do *D. Jayme*, nas *Jornadas*, tambem produção da primorosa lavra do sr. Thomás Ribeiro, descreve assim a cruz:

«... A cruz é a grande arvore cosmopolita: vegeta em todos os paizes, resiste a todos os ventos, supporta todas as latitudes, e fructifica em todas as estações. Plantae-a com os cuidados de uma piedade sincera, e não hajaes medo que se desarreigue ou esmoreça.»

<sup>1</sup> É-se obrigado acaso a pagar fóro em metro ás deusas do Parnaso? Se não é, não se deve andar sem arte e veia a *versar*. — CASTILHO.

### NO CARCERE

Porque hei-de, em tudo quanto vejo, vel-a?  
Porque hei-de eterna assim reproduzida  
Vel-a n'agua do mar, na luz da estrella,  
Na nuvem d'ouro e na palmeira erguida?

Fosse possivel ser a imagem d'ella  
Depois de tantas maguas esquecida! ...  
Pois acaso será para esqueci-la,  
Mister e força que me deixe a vida?

Negra lembrança do passado! lento  
Martyrio, lento e atroz! Porque não hade  
Ser dado á magua o esquecimento?

Porque? Quem me encadeia sem piedade  
No carcere sem luz d'este tormento  
Com os pesados grilhões d'esta saudade?

S. Paulo.

OLAVO BILAG.

A gloria é uma arvore em cujo cimo batem os raios e as tempestades, e cujas raizes são roidas de vermes. ROMUL.

Os beneficios são como as provas de amor: se não vem feitos com uma fina delicadeza perdem todo o valor da intenção, arriscam-se muito a originar em vez de gratidão, despeito. É mais difficil beneficiar assim, não aviltando, do que dar, por fórma a fazer os mais obrigados. A mão de quem espalha deve procurar fazer o effeito de uma caricia, e quanto mais ligeira for tanto mais peso terá. CESAR THORCONI.

Começar com atrevimento é vencer a metade. HEINE.

### CARTA PATENTE

Antigamente os moinhos d'agua em varias nações européas, e com especialidade na Hollanda, era um dos privilegios e regalias da corôa; e quando se principiou a fazer uso dos moinhos de vento estendeu-se este privilegio sobre o ar, assim como sobre a agua.

Daremos um curioso exemplo, que passa por certissimo, segundo a tradição, na provincia hollandeza de Overysseel.

Os frades de Santo Agostinho do convento de Weindsheim, quizeram construir na sua yizinhança um moinho de vento. Oppoz-se, porém, o senhorio do terreno, com o extraordinario fundamento de que *lhe pertencia o vento d'aquelle sitio*. Appellaram então os frades para o bispo de Utrecht, e este enfurecido pelo atrevimento do directo senhorio do terreno, decidiu, logo, sem a menor hesitação, que *na sua diocese só elle tinha direitos reaes sobre o vento!*

E assim passou-se, immediata e consequentemente, *carta patente aos frades para poderem dispor do VENTO DO SR. BISPO, para o moinho do convento de Santo Agostinho de WEINDSHEIM!*

### CARTAS DE SPINOSA

Encontraram-se em Hanover varias cartas de Spinosa dirigidas a Leibnitz. Esta correspondencia, ao que se diz, do mais alto interesse para todos os que se occupam em questões philosophicas, vae lançar nova luz sobre as relações que existiram entre estes dois grandes pensadores. Spinosa era portuguez de nascimento.

### ENTRE DOIS AMERICANOS

Um d'elles queixava-se constantemente de tudo e de todos, e andava sempre zangado. Por fim tanto quezizou, que morreu — talvez de doença do figado.

Apesar d'isso foi para o céu — porque no fundo affirmava-se que era boa pessoa — com hepate e tudo.

O outro, morrendo pouco depois, tambem foi para o céu, e encontrando lá o seu antigo conhecido, ob-servou-lhe:

Então agora deves estar contente. Aqui, no céu, corre certamente tudo ás mil maravilhas.

— Qual historia, regougou o outro. Em primeiro logar fazem-me estar sentado n'uma nuvem humida, depois deram-me um resplandor que não me serve, e ainda por cima metteram-me na mão uma harpa desafinada, obrigando-me a cantar eternamente psal-mos e mais psalmos.

E ageitou o resplendor com um gesto de impa-ciencia, emquanto o outro ficava fazendo considera-ções mentaes sobre a persistencia do mau genio, mesmo nas alturas divinas da Bemaventurança.

Um embaixador é um homem honrado enviado ao estran-gero para ahi mentir no interesse do seu paiz. WOTTON.